

# O CARIRI SEMI-ÁRIDO TRANSFORMADO PELA AGAVE \*

GÉRARD PROST

A 150 km para o interior das terras e a 30 km a noroeste de Campina Grande situa-se Pocinhos, um dos municípios do Estado da Paraíba que se estende pelo planalto da Borborema. Limitando-se a leste com o Agreste, região que tem um índice pluviométrico médio anual de 700 mm, e a oeste com o Cariri, que é um dos trechos mais secos do Nordeste, com precipitação entre 300 a 400mm, a distinguir do Cariri cearense que é um sertão favorável apresenta uma situação geográfica de grande interesse, por sua localização em um trecho de fronteira onde as paisagens são caracterizadas tanto pelos contrastes de ordem natural como pelas recentes formas agrícolas de aproveitamento do solo (1).

Tentando definir a originalidade de tal área-limite, nós nos propusemos a estudar duas faixas contínuas representativas desses meios contrastantes: a primeira, no Agreste, a leste do centro urbano de Pocinhos, e a segunda, de mais ou menos 50 km<sup>2</sup>, a noroeste deste centro, situada no Cariri. Esta última faixa é objeto do presente trabalho (2).

\* Este artigo inicia uma série de estudos regionais relativos ao Estado da Paraíba. Completam a série os trabalhos: "O Agreste da Esperança" e "A Fronteira Cariri-Agreste da Esperança" que serão publicados na *RBG* n.º 3 Ano XXX.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### I — A PROPRIEDADE

1. A estrutura fundiária
2. Os tipos de proprietários como elemento de diversificação.

#### II — A ECONOMIA AGRÍCOLA

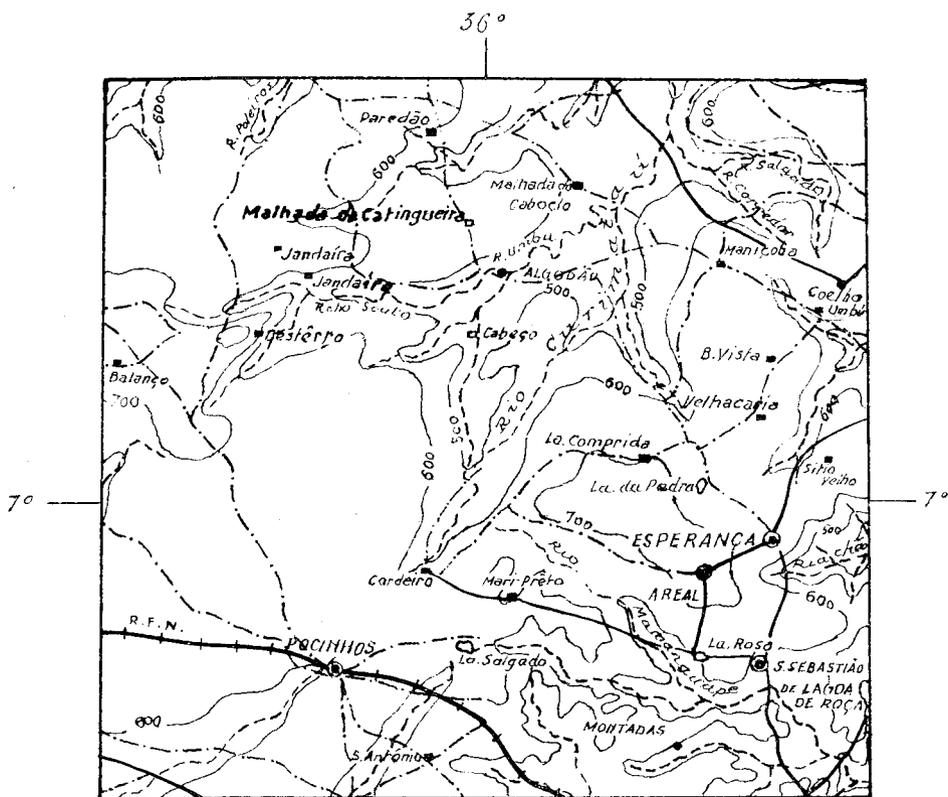
1. Aspectos da criação
2. A policultura
3. A agave.
4. As formas do sistema de culturas.
  - a) As proporções dos diferentes modos de utilização do solo.
  - b) As diferentes formas do sistema de cultura.
  - c) Explicação e justificação das formas do sistema de cultura.

#### III. OS HOMENS

1. A população.
  - a) A população ativa.
  - b) A população "dependente".
  - c) A população residencial.
2. Tipos de homens: Relações de trabalho e modos de vida.
  - a) O proprietário ausente.
  - b) O fazendeiro administrador.
  - c) O fazendeiro que explora.
  - d) O sitiante.
  - e) O minifundiário.
  - f) O operário da agave.
  - g) O morador.

CONCLUSÃO: As situações sócio-econômicas

O Cariri situa-se em parte do planalto da Borborema, velha superfície cortada nas rochas cristalinas e cristalofílicas do escudo brasileiro. Trata-se, em seu conjunto, de um relevo de plataforma, de linhas horizontais dominantes, a cerca de 600 metros de altitude, apresentando colinas achatadas e amplas e cortado por vezes por cristas de tipo apalachiano de rochas mais resistentes. Tais colinas e cristas separam vales em V, geralmente muito pouco entalhados, ou vales-em-berço abertos. No médio interflúvio a vista se perde; o relevo, sem grandes contrastes do planalto, é regular e de grande amplitude.



CÓPIA DE UM TRECHO DAS FOLHAS: PARAIBA SO e JAGUARIBE SE - 1:500 000 D615AI

Esta vasta superfície, que se estende sobre mais de 100 km a oeste de Campina Grande e que corta o Estado de norte a sul, é a mais semi-árida da Borborema, e mesmo de todo o Estado: a caatinga que aí domina é a mais seca de todas, com suas árvores tortuosas e baixas e com profusão de cactáceas. Durante o verão, nesta paisagem acinzentada, algumas barragens sofrem a salinização de suas águas. Aí, a presença do homem nunca foi preponderante; as cidades são pequenas e sem grande significação. Com efeito, através dos séculos, a caatinga foi o elemento principal da paisagem, sendo pouco transformada pela criação de um gado escasso que sofre forte perda de peso na estação seca, e a cultura do algodão em pequenas superfícies, atividades estas que constituíam as duas únicas bases da economia, até os dias presentes.

POCINHOS - CARIRI

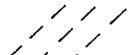
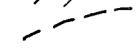
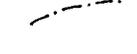
MAPA I

TIPOS DE PROPRIEDADES



LEGENDA

Propriedade

-  minifundiário, ou operário. camponês
-  camponês ( sífiante )
-  fazendeiro que explora
-  " " administra
-  " " ausente
-  limite de propriedade
-  " entre herdeiros

1 km

 POCINHOS

Em menos de 25 anos houve mudança radical na paisagem num raio de 40 a 50 km de Campina Grande, na direção oeste; a região transformou-se pela introdução de uma nova planta: a agave. Cultivando hoje quase metade da região, o homem ali marca sua presença concreta, mesmo se o *habitat* continua disperso; as linhas verdes das plantas de agave que atravessam os vales e interflúvios substituíram o aspecto descolorido e comum da caatinga seca.

É a humanização da paisagem tendo como corolário a densificação da população. Ao fazendeiro-criador e ao vaqueiro, quase sempre pobres e diluídos no meio da caatinga, sucederam tipos de habitantes muito mais numerosos e complexos, geralmente mais favorecidos economicamente, porém socialmente mais diferenciados e dependentes de fatores novos, exteriores à região.

Dá-se portanto uma transformação complexa, seja na própria visualização da paisagem, seja em uma realidade muito mais ampla, a de um conjunto sócio-econômico. Naturalmente tal mudança implica necessariamente em um embricamento de elementos diferenciados. Tentar analisá-los e medir a contribuição de cada um deles, foi a principal tarefa a que nós nos propusemos e com a qual tentaremos uma primeira aproximação, de acordo com os meios de que dispomos. O presente artigo constitui a fase inicial deste trabalho.

Neste sentido, pareceu-nos necessário começar por compreender o quadro das propriedades no interior das quais se desenvolveram as formas de aproveitamento das terras mais antigas, recentes e atuais. Sobrepondo-se a este quadro, a presença humana, através do estudo da população e dos tipos de homens que aí vivem, completa a trama dos elementos, dando-nos os instrumentos de análise necessários para tentarmos discernir as diversas situações sócio-econômicas existentes e a realidade desta área em transformação.

## I — A PROPRIEDADE

A importância do regime fundiário na América Latina em geral é suficientemente conhecida. No Cariri esta importância é radical, pois neste meio natural pouco contrastante é a existência de propriedade de tamanho e de regime de exploração diferentes que vai frequentemente constituir um fator, ou mesmo o fator essencial de diferença nas formas da presença do homem.

As 29 propriedades existentes na área foram estudadas e classificadas, seja de acordo com o seu tamanho ou com o seu tipo de proprietário: da concordância e da diversificação de certos fatos desta análise surgiram elementos que, como veremos a seguir, ratificam a importância das mesmas para a compreensão da paisagem atual (Mapa n.º 1), (3).

## 1. A estrutura fundiária

Observando o quadro n.º 1 vemos que são ausentes do Cariri as grandes propriedades comuns às regiões canavieiras ou de criação extensiva, onde podem atingir mais de 5 000 ha. Existem apenas 3 propriedades com mais de 500 ha, mas elas ocupam metade das terras, se bem que constituem apenas 10% do número de estabelecimentos. Os grupos dominantes em número são aqueles cujas propriedades são de menos de 500 ha, porém mais numerosos; as de 100 a 500 ha ocupam 37,5% das terras, perfazendo 37% do número total dos estabelecimentos. Os mais desfavorecidos são os grupos pequenos, de menos de 100 ha: 36% das propriedades estão nesse caso, variando de 20 até 100 ha. O tamanho das propriedades pode ainda se reduzir: 14% das mesmas se localizam em menos de 20% de terra, constituindo 1% do conjunto.

QUADRO N.º 1

### *Classificação de propriedades, segundo o tamanho*

PROPRIEDADE	N.º	% do n.º total	% da zona estudada	Superfície total ocupada
Menos de 20 ha.....	5	15 %		50 ha
20 a 50 ha.....	5	18,5%	2,5%	140 ha
50 a 100 ha.....	5	18,5%	7 %	375 ha
100 a 200 ha.....	5	18,5%	12,5%	665 ha
200 a 500 ha.....	5	18,5%	25 %	1 350 ha
500 a 1 000 ha.....	2	7,5%	26 %	1 370 ha
Mais de 1 000 ha.....	1	3,5%	24 %	1 300 ha

Detalhando estas observações verificamos que a divisão de fato entre herdeiros reforçou o número dos estabelecimentos de superfície inferior a 200 ha. Por outro lado, 6 dos proprietários que têm propriedades nos grupos superiores (mais de 200 ha), possuem igualmente terras em outras partes do Estado: são grandes proprietários.

A região se revela, assim, de conformidade com a realidade geral do país: de lado, um pequeno número de propriedades que domina pela superfície ocupada (se bem que estes estabelecimentos não possam ser rigorosamente considerados como muito grandes, sobretudo nesse rude meio físico); de outro lado, um importante número de pequenos e médios estabelecimentos, com superfície geralmente reduzida em relação às condições do meio.

A classificação puramente dimensional das propriedades pareceu-nos fornecer apenas um dos elementos da análise. Com efeito, existem propriedades de tamanho diferente que são aproveitadas de modo semelhante e reciprocamente; ora, é bem o tipo real de estabelecimento que interessa. Daí a necessidade da análise dos tipos de proprietários, do binômio homem-terra, ou seja da forma pela qual estes homens administram suas terras, como entram em contato com as mesmas.

## 2. Os tipos de proprietários como elemento de diversificação

Podemos distinguir cinco grupos.

O primeiro é o dos pequenos proprietários possuindo entre 5 e 20 ha. Sua característica principal é o fato dos adultos terem de trabalhar também fora de suas terras, seja porque a área é muito pequena para a região (5 ha), seja porque a família é numerosa. Já os componentes do segundo grupo não o fazem: são os que têm um bom sítio, os "sitiantes", cujas terras vão de 18 até 140 ha. Habitam no local onde trabalham, com pouca ajuda exterior. São os que se aproximam mais do termo "camponês", tal como é definido na Europa.

O terceiro grupo é o dos proprietários que têm de 70 a 1 300 ha, em sua maioria constituído por aqueles possuindo de 100 a 200 ha de terras. São fazendeiros, morando não em suas fazendas mas "na rua", no centro urbano, mas que vão diàriamente às suas fazendas para dirigir os trabalhos ou, freqüentemente, para ali trabalhar. Utilizaremos, na falta de termo mais conveniente, a expressão fazendeiros que exploram, para designá-los no presente artigo. Distinguindo-se destes últimos, os membros do quarto grupo são fazendeiros que, possuindo de 80 a 700 ha de terras vão, por razões diversas, menos freqüentemente até suas terras, talvez uma visita semanal, apenas administrando ali os trabalhos e nunca deles participando ativamente.

Proprietários absenteístas fazem parte do último grupo, possuindo fazendas de tamanho variável. Raramente visitam suas terras, morando comumente distante delas e não se preocupando com o seu aproveitamento.

### QUADRO N.º 2

#### *Classificação da Propriedade, Segundo o Tipo de Proprietário*

TIPO DE PROPRIEDADE	N.º	% do n.º total	% de ocupação da zona estudada	Superfície total ocupada
Minifundiário.....	5	19%	1%	50 ha
Sitiante.....	9	30%	10%	520 ha
Fazendeiro que explora.....	8	22%	53%	2 600 ha
Fazendeiro administrador.....	6	26%	35%	1 850 ha
Fazendeiro ausente.....	1	3%	1%	50 ha

Ao término desta análise, podemos constatar uma correspondência e uma diversificação. Correspondência entre os grupos 1 e 2 das duas classificações; com efeito, os que possuem menos de 20 ha são os minifundiários que têm que trabalhar fora, pois o tamanho das propriedades não garante o seu sustento; os sitiantes vivem em propriedades de 20 a 100 ha. Já nos 3 grupos superiores a 100 ha é que se repartem quase tôdas as propriedades dos 3 diferentes tipos de fazendeiros, sem

que exista correspondência de grupo a grupo: nas de mais de 100 ha se introduzia praticamente uma divisão tipológica que não está relacionada com as divisões dimensionais.

Estas breves conclusões nos permitem uma primeira aproximação das características desta área da qual o estudo da economia agrícola fornecerá outros elementos de interpretação.

## II — A ECONOMIA AGRÍCOLA

Um observador que atravessa a área do Cariri em questão terá imediatamente sua atenção despertada para um fato: a importância espacial da caatinga e da agave. Com efeito, nesta área de aproximadamente 5 500 ha, 2 900 ha são cobertos pela caatinga onde se pratica em parte uma criação extensiva; 2 000 ha plantados com agave, o restante apresenta 200 ha de “roça” (campos de culturas de subsistência), 150 ha com palma forrageira e 200 ha derrubados recentemente e ainda sem culturas. Em outras palavras, sobre um total de 5 300 ha explorados, 55% são cobertos de caatinga, 37% de agave, 4% de “roças” e 4% de palma (Mapa n.º 2).

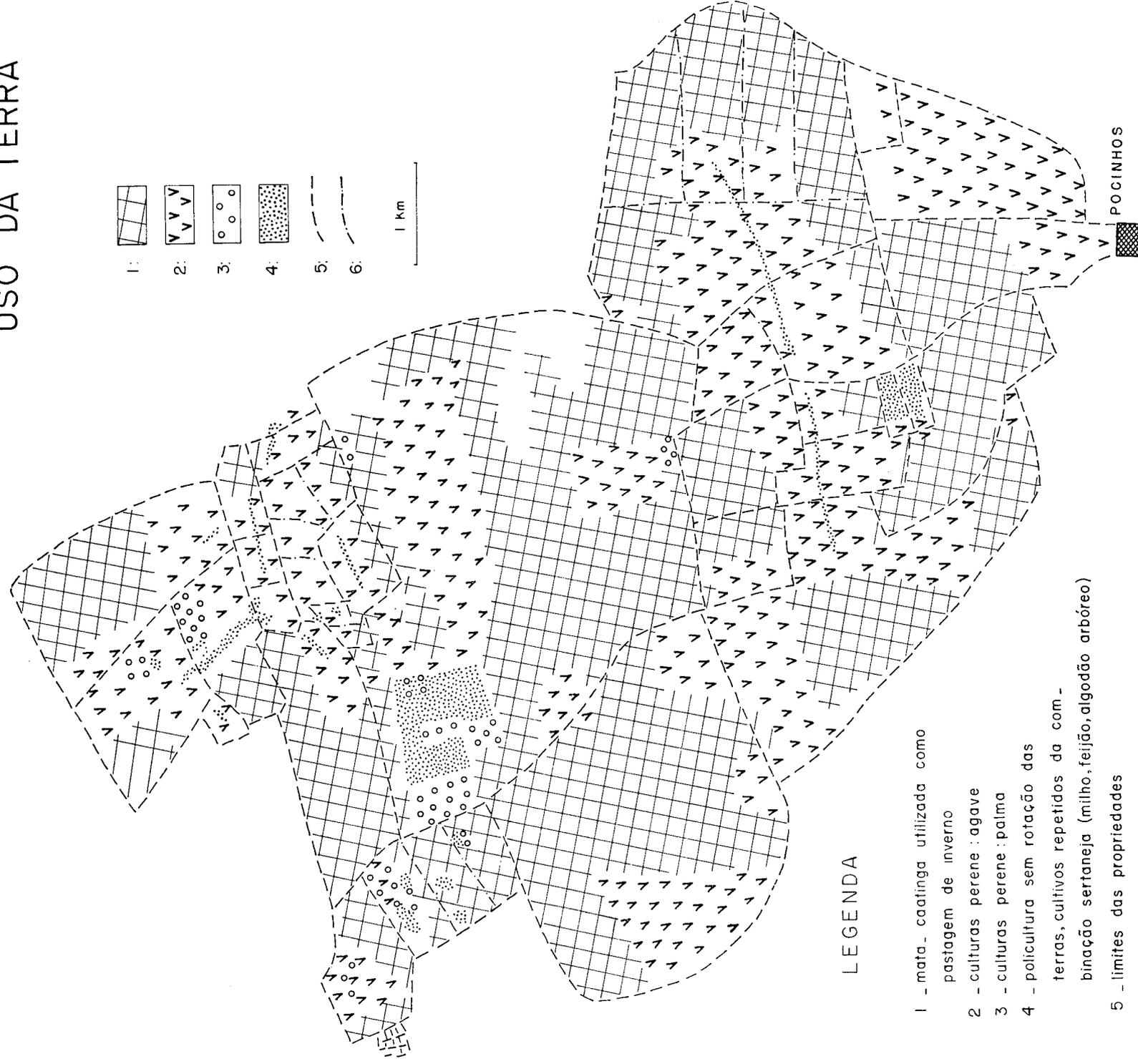
Tais cifras confirmam a impressão visual e revelam um fato recente, datando de 1942-43: foi a introdução da agave, a partir de 1942, que provocou uma mudança radical. Para dela se conhecerem os aspectos e os resultados, estudaremos sucessivamente as atividades existentes: a criação baseada na caatinga e na palma, a “agricultura”, isto é o trabalho praticado na roça e finalmente a cultura da agave. Após considerar êsses modos de aproveitamento, analisaremos suas utilizações no quadro de cada tipo de propriedade, ou seja as diferentes formas do sistema de culturas.

### 1. Aspectos da criação

Se a superfície deixada para a criação é imensa, os rebanhos são, ao contrário, pouco numerosos e sem grande importância econômica, geralmente de algumas dezenas de cabeças ou menos. O maior criador, de acordo com suas informações, não possui mais de 200 cabeças de bovinos em 1 000 ha de caatinga. Feita na forma de livre pastoreio, a criação está sujeita às variações das estações chuvosas e seca, o que implica em práticas criatórias estacionais totalmente diferentes.

Durante o “inverno” chuvoso pratica-se o antigo hábito de aproveitar a vegetação natural para criar bovinos e ovinos; durante um período de mais de oito meses (fevereiro-março a outubro-novembro), enquanto subsiste o verde da vegetação, o gado é criado à solta na caatinga. Esta é uma das maiores formações xerófitas do Estado: sob às copas de árvores baixas e arbustos desenvolvem-se numerosas espécies de cactáceas; mas durante a estação chuvosa o solo é coberto por um tapete de gramíneas, variável de um local para o outro, que constitui a forragem

POCINHOS - CARIRI  
 MAPA II  
 USO DA TERRA



LEGENDA

- 1 - mata - caatinga utilizada como pastagem de inverno
- 2 - culturas perene : agave
- 3 - culturas perene : palmeira
- 4 - policultura sem rotação das terras, cultivos repetidos da combinação sertaneja (milho, feijão, algodão arbóreo)
- 5 - limites das propriedades
- 6 - divisões entre herdeiros

por excelência. Distinguindo-se na paisagem, as propriedades são divididas seja por cercas mortas, seja por cercas vivas de avelós, que após 3 a 4 anos se transformam em barreira sempre verde de mais de um metro de espessura por 3 a 4 de altura. Cada pasto possui sua cacimba ou açude, muitas vezes capazes de sustentar as necessidades dos rebanhos também durante as secas.

No período de transição que precede a estiagem os animais permanecem na caatinga. Mas, à medida que a estação seca se desenvolve a “luta”, como dizem os criadores, se inicia: a natureza oferece pouco ou nada — as cactáceas constituem um último recurso natural. Não desejando que sua criação perca peso nestes meses, proprietários vendem algumas cabeças no começo da seca e se esforçam por fazer subsistir as demais. Os animais são inicialmente colocados a pastar as folhas secas do feijão e do algodão e as palhas do milho. Depois são colocados num curral e começam a ser nutridos exclusivamente pelo homem, com palma e torta de caroço de algodão.

Nos últimos 20 anos as superfícies plantadas com palma forrageira foram se estendendo pouco a pouco, visto ter-se aquê vegetal revelado uma planta de utilidade prática (pode ser plantada na “seca”, quando há pouco trabalho, requer limpa somente nos dois primeiros anos e cresce quase indefinidamente), sendo perfeitamente adaptada ao clima. Quanto à torta, somente os criadores que têm mais recursos podem ministrá-la ao gado: ela é necessária, visto que a palma contém mais de 90% de água, mas é cara. As vacas leiteiras são sempre tratadas na base da palma e torta no curral, perto da sede da propriedade, assim como os animais em engorda, durante 90 a 120 dias.

Novas possibilidades para a criação estão se introduzindo lentamente na região: multiplicação de açudes interanuais ou pelo menos aquêles que criam uma zona de vazante favorável à cultura de cana forrageira; plantio experimental de sorgos que é alimento rico e não exige terras úmidas.

Neste regime de criação torna-se difícil conhecer as densidades de cabeças por hectares de caatinga, ainda mais visto que a maior parte dos proprietários se interessa pouco pela criação e não explora totalmente sua “mata”. Além disto, as densidades por ha, de palma, não constituem um dado indicativo, uma vez que as propriedades não têm ainda suficiente quantidade desse produto para nutrir convenientemente seus rebanhos.

Em seus traços gerais, a criação é uma atividade secundária nessa parte do Cariri, por enquanto, e evolui lentamente para se tornar mais segura.

## 2. *A policultura*

Reserva-se o termo de “agricultura” no Cariri, exclusivamente para o trabalho feito na “roça” com culturas anuais, excluindo-se desta noção as culturas perenes, da agave e da palma.

Espacialmente esta atividade é modesta: compreende 4% do conjunto das terras e 7% das terras cultivadas, não marcando portanto a paisagem com seu traçado; o observador deve estar atento para distingui-las no conjunto, mesmo em estação chuvosa. Verá então que a localização das "roças" faz-se sobretudo nas várzeas, fundos úmidos de torrentes temporárias e de raras águas correntes; o solo é ali quase sempre arenoso, leve, o que facilita o trabalho da terra. Pode ocorrer que as culturas anuais sejam feitas também nos interflúvios aplainados ou suavemente inclinados, quando o proprietário ocupou a várzea com culturas perenes. Segundo alguns dêles, a localização não influi nos rendimentos, semelhantes nos altos como nos baixios, apesar dos solos dos interflúvios serem raramente arenosos, freqüentemente argilosos ou argiloso-arenosos. Finalmente, pode ocorrer a existência de roças em combinação com a agave e a palma, nos interflúvios, mas ali se instalando apenas por dois anos; depois dêste prazo a terra é deixada às culturas perenes (4).

Qualquer que seja a localização da "roça", o trabalho é sempre o mesmo: em janeiro-fevereiro, um mês antes do provável início das chuvas, o terreno é preparado à enxada, limpo e nivelado, deixando-se no solo as plantas verdes que foram cortadas. Certos agricultores beneficiam-se do cultivador para esta tarefa (1 ha por semana), apenas um dêles utilizando um arado a discos puxado por trator. Logo que caem as primeiras chuvas e tantas vêzes quantas forem necessárias, semeia-se (as sementes sendo freqüentemente as da colheita precedente). Obedece-se ao seguinte esquema: milho e feijão em "covas"; 4 ou 5 grãos para o primeiro e 3 para o segundo, ou seja, 5 e 7,5 litros, respectivamente, por ha. Duas fileiras de milho distantes uma da outra de 1,60 a 2 metros, sendo que cada uma das cavidades se encontra a 1,20 da outra. Entre estas, planta-se geralmente uma cavidade de feijão marçassa e entre duas fileiras de milho duas fileiras de feijão mulatinho (cavidades distantes de 40 cm). Pode ocorrer, algumas vêzes, que o suporte do campo seja constituído por algodão arbóreo: 10 caroços por uma cavidade distanciadas de 1 metro uma da outra, com dois metros entre as fileiras. Êste esquema pode apresentar numerosas variantes, notadamente nas árvores, em função da maior ou menor unidade.

A limpa é praticada duas a três vêzes por ano; três se fôr um ano chuvoso. Ê o trabalho mais pesado a realizar, devendo ser feito logo, pois, do contrário, as culturas serão sufocadas pelas ervas daninhas. Emprega-se um homem durante 10 dias para limpar 1 ha, ganhado êste cêrca de 10 mil cruzeiros (dez cruzeiros novos) pelo serviço completo. A única exceção a esta forma é a de um agricultor que emprega para êste trabalho o seu cultivador, efetuando-o em dois dias por ha.

Surpreendeu-nos o fato do pouco ou raro emprêgo do cultivador para a limpa, que constitui um sério gargalo de estrangulamento quando deve ser feita duas vêzes em 2 meses. Obtivemos duas respostas: em primeiro lugar seria necessário possuir mais terras, pois com o cultivador, o espaçamento entre as fileiras das plantas teria que ser maior: isto

limita o seu uso aos pequenos proprietários. Em segundo lugar, o feijão mulatinho é uma planta com ramas que se espalham; o uso do cultivador provocaria a supressão deste elemento da associação, donde atingiria a precária segurança dos resultados agrícolas, além de não ser produzido o feijão preferido. Parece-nos, todavia, que o péso da tradição é também um fato importante: alguns que têm espaço e que poderiam dispor de um campo para o feijão mulatinho continuam a plantar da mesma forma.

A colheita é feita durante alguns meses, 6 dias após a sementeira para o milho, 45 e 90 para os dois feijões, respectivamente. Ela está encerrada em julho, com exceção do algodão arbóreo, colhido em outubro. Finda a colheita, em outubro ou novembro, o gado é solto na roça, pastando principalmente os restolhos das 3 plantas que se sucederam; ao mesmo tempo êle aduba o campo. Com exceção do adubo vegetal sêco representado pelas ervas daninhas que foram cortadas e deixadas no campo, êste estrume é o único fertilizante empregado na maioria das parcelas. Com efeito, só dois proprietários, sitiantes, utilizam regularmente o estrume de currais nas plantações, conscientes de seu valor para o bom rendimento das culturas (mesmo nos "tabuleiros" arenosos). Os demais não se preocupam com o problema e preferem vender o adubo aos sitiantes do Agreste vizinho.

É no mesmo local que o ciclo recomeça no ano seguinte; até o algodão arbóreo é replantado após 5 ou 6 anos no mesmo campo. Na impossibilidade de poder praticar uma rotação de culturas (a associação entre as duas ou três únicas plantas cultivadas o permitiriam dificilmente) seria de se esperar uma rotação de terras. Ora, tal não se dá. Alguns agricultores afirmam ser necessário para isto refazer as cêrcas ou construir novos cercados que serviriam, alternativamente, ao campo de pastoreio e às parcelas cultivadas. Ora, como grandes e pequenos proprietários já têm dificuldades de construir e conservar vez por outra uma cêrca, mesmo com empréstimo bancário, nos parece difícil ter-se antes de algum tempo uma rede cerrada de cêrcas. Além disto, êste problema até agora não atingiu um extremo ponto crítico: é preciso lembrar que estas terras (com exceção das de várzea) começaram, em sua maioria, a ser cultivadas recentemente. Pode-se ainda ligar a êste o fato geral da fertilidade dos solos em clima semi-árido. Quanto às várzeas, pensamos que a contribuição de material trazido anualmente das vertentes, em estação chuvosa, e a umidade que se mantém no leito das torrentes explicam os resultados satisfatórios obtidos com as culturas ali localizadas, ainda que não estrumadas regularmente.

A agricultura desta região é assim uma policultura perene, baseada na trilogia milho, feijão, algodão arbóreo; segundo a denominação de NILO BERNARDES, "culturas repetidas de combinação sertaneja". Desta economia revelou-se quase impossível ter-se dados numéricos quanto aos rendimentos agrícolas, sendo dadas respostas divergentes, geralmente para o mesmo ano. Sabemos que muitos fatores podem intervir

neste meio semi-árido, além do fato de que os pequenos proprietários geralmente conhecem mal o que consomem. Tentamos, todavia, uma aproximação do problema.

Salvo os anos sôbre os quais todos estão de acôrdo, como o da grande sêca de 1958, três fatores principais influem no conjunto: má qualidade das sementes, pragas que atacam fôlhas e grãos e a distribuição das chuvas. Este terceiro fator é fundamental pois é necessária uma boa chuva tôdas as 3 ou 4 semanas durante 4 meses para uma boa colheita. Se o tempo sêco dura muito entre duas chuvas, o "verão" se instala no meio do "inverno" e as plantas morrem; se as chuvas se prolongam em demasia, os resultados serão igualmente desastrosos. Aquêles que podem vender não perdem muito: o preço sobe quando o produto escasseia; mas para os demais é uma situação aflitiva, preságio de dificuldades e de fome, pois não produzirão o suficiente para assegurar a base de sua alimentação. Um exemplo elucidará melhor: um dos sitiantes da região, que planta cada ano 15 a 20 litros de milho em seus 3 ha, colheu, em 1965, 300 litros, enquanto em 1966 a colheita foi de apenas 120. Casos semelhantes são registrados para o feijão.

Devido a estas razões pareceu-nos mais interessante saber durante quantos meses do ano puderam ser cobertas as necessidades alimentares das diferentes famílias, e como o foram (se de maneira irregular ou não). Tal inquérito se revelou mais objetivo, o agricultor respondendo com mais precisão a esta pergunta. A informação passa a exprimir uma realidade importante e vital, não apenas uma cifra do total produzido, cujo valor é relativo. Vimos que as necessidades das famílias variam, notadamente segundo a categoria social: os maiores sitiantes têm produções que, na maioria das vêzes, cobrem as necessidades alimentares anuais. Os menores proprietários apresentam maior irregularidade. Um caso especial é o dos moradores, para os quais o grau de subsistência parece ter pouco sentido: êles utilizam o que possuem para a alimentação, seja produzindo nos campos, seja comprado; caindo a produção, há racionamento alimentar. A noção de rendimento parece não existir para êles.

A policultura no Cariri, na base de culturas repetidas de combinação sertaneja, com rendimentos variáveis e aspecto irregular representa, portanto, um modesto papel nas estatísticas econômicas da região. Ela é, entretanto, essencial para os "pequenos", sitiantes e moradores, cuja segurança quotidiana dela depende intimamente. Já para os grandes proprietários e para o Estado é o agave que constitui a cultura principal.

### 3. *A agave*

Esta bela planta no Cariri semi-árido, chega a ser extraordinária: importada do México, adaptou-se plenamente, como se fôsse uma planta nativa. É certo que existem variedades autóctones da mesma família da agave, igualmente podendo murchar nos meses de sêca mas, praticamente, nunca morrendo: a macambira, por exemplo, não foi sempre o último recurso do sertanejo durante as grandes sêcas? Como esta, a

# ETAPAS DA DERRUBADA

MAPA III

POCINHOS - CARIRI



agave logo às primeiras chuvas sai desta letargia aparente, recupera-se e renova-se, permanecendo assim durante 2 ou 3 meses.

Ela é adaptada ao meio semi-árido do Cariri, mas também tem numerosas qualidades no tocante ao cultivo: pode-se plantar durante a estação seca, a que dá menos trabalho. A limpa se faz durante os dois primeiros anos, tornando-se depois disto menos exigente: de vez em quando será necessário cortar-se o grande mato e as mudas que crescem rapidamente; este trabalho é fácil e se faz só uma vez por ano. Se, às vezes, falta dinheiro ou tempo para o corte ou se o preço do sisal baixa demais, é preferível esperar; a agave não tem um ciclo vegetativo que imponha uma data de colheita; a planta continuará a crescer sem prejuízos. Notamos, finalmente, que o corte e a desfibragem empregam muita mão-de-obra.

Esta planta faz dos homens agricultores, sejam sitiantes, fazendeiros ou operários, que hoje já não sofrem mais a fome periódica. Ela fez de Pocinhos, entre outros centros urbanos, uma verdadeira pequena cidade, que não é mais um simples povoado de casas de taipa, sem forma e sem vida.

Com efeito, a agave transformou toda a economia da região: não apenas o algodoeiro arbustivo foi eliminado das pequenas áreas onde era cultivado, mas principalmente a paisagem mudou por completo: praticou-se aí a derrubada em quase metade das terras, e isto em seu proveito. O confronto de dois mapas de utilização do solo e das etapas de derrubadas o mostram claramente: a agave foi introduzida a partir de 1942-45. A partir daí é que a derrubada foi intensificada. Podemos falar numa frente pioneira da agave, provocando a ocupação real do solo e a formação de densidades demográficas conseqüentes, como veremos mais a seguir (mapa n.º 3).

As áreas de derrubadas foram ocupando todos os terrenos disponíveis, pedregosos ou não, dos altos ou dos baixos, inclinados ou planos, segundo a técnica tradicional: corte, queimada e retirada dos troncos. Atualmente, o terreno é aplainado e regularizado com o cultivador à tração. Plantam-se as mudas em fileiras, sempre no sentido de maior inclinação (uma única exceção foi o caso dum fazendeiro cujo analfabetismo não o impediu de observar os efeitos de erosão como resultado deste tipo de plantio). Numa só fileira, os pés são plantados com uma separação de 90 a 100 cm, sendo que os espaços entre as fileiras são suficientes para deixar passar uma junta de boi. Existem mais ou menos 4 100 pés por hectare.

Salvo exceção, limpa-se com a enxada, duas vezes por ano, nos dois primeiros anos. A partir do terceiro ano, faz-se o corte e a desfibragem, o que se chama "o trabalho no motor", durante sete a nove meses, quando as folhas não murcham. Desde 1950, o primitivo método da guilhotina de mão desapareceu, dando lugar ao motor que aciona um disco armado de faca. As folhas são, geralmente, cortadas de pé por dois trabalhadores jovens. Um outro amontoa as folhas que são colocadas em lombo de burro e levadas até a desfibradeira. Dois homens alimentam

conjuntamente o motor, com gestos rápidos, desfibrando. O sisal, assim adquirido, é pesado por dois trabalhadores e as fibras úmidas estendidas sobre o solo ou penduradas em cordas entre os pés de agave, depois de terem sido lavadas; no dia seguinte serão feitos os fardos do sisal seco. Por fim, um último operário transporta o bagaço que resulta da desfibragem e o coloca entre as fileiras de agave; a maioria do bagaço volta ao campo fazendo com que seja a agave, em última análise, o seu próprio fertilizante.

Sitiantes e fazendeiros têm quase todos o seu motor, um ou vários; os outros desfibram no do vizinho ou de um chefe de equipe. Todos são remunerados na base do rendimento diário do sisal verde. O responsável pela equipe do motor exige, hoje, do plantador uma soma fixa por quilo de sisal. Antes, quando a inflação não provocara ainda os altos preços de produção atual, e quando o preço do sisal era mais elevado, o chefe de equipe guardava, em valor, metade do sisal produzido.

O rendimento por hectare é de 1100-1200 kg (5). O primeiro corte dá o dôbro; o número de folhas diminui em cada ano, em cada corte: isto não é de grande importância, pois um ano depois de plantada a agave, começam a nascer as mudas; assim é mantido o rendimento médio.

O custo financeiro total por hectare, da derrubada até a desfibragem, é de 270.000,00 cruzeiros (270 cruzeiros novos) no 1.º ano; é de 135.000,00 (135 cruzeiros novos) nos anos seguintes, ou seja um custo de 110 cruzeiros antigos (onze centavos) por quilo. Isto deixa uma renda de 70 cruzeiros antigos (sete centavos) por kg. Por ha, a renda é, no 1.º ano, de 160.000,00 cruzeiros (160 cruzeiros novos) e depois de . . . . 80.000,00 cruzeiros (80 cruzeiros novos) (6).

O custo em tempo de trabalho por hectare é no 1.º ano de 100 homem-dia, no 3.º de 32, e depois o número de homem-dia desce até 10 a 11 (ou, considerando-se uma média abstrata estabelecida em 10 anos, é de 21 homem-dia por ano (7).

#### 4. *As formas do sistema de culturas*

Se bem que os diversos modos de utilização do solo sejam encontrados em todo o território estudado, devido à uniformidade do meio físico, nem sempre eles se combinam da mesma maneira ou nas mesmas proporções: as diferenças são sensíveis, ou mesmo grandes, entre categorias de propriedades. Assim, examinaremos primeiramente alguns dados numéricos, antes de descrevermos e explicarmos cada uma destas formas do sistema de cultura local.

##### a) *As proporções dos diferentes modos de utilização do solo*

Examinando os dados concernentes aos grupos de propriedades classificadas pelo seu tamanho, constatamos que, para cada uma delas, os modos de aproveitamento do solo são diferenciados. Por exemplo, a mata é praticamente nula nas menores propriedades, mais importantes nas



b) *As diferentes formas do sistema de cultura.*

Os minifundiários são aqueles que não têm o bastante para viver em suas terras. Não possuem mais mata (foi derrubada numa época em que receber terras para cultivar tinha ainda um sentido); por isto, a criação é insignificante, não suprimindo as necessidades da família (em média, menos de uma cabeça de bovino por família). A roça não ultrapassa 3-4 ha, sendo suficiente o trabalho de um homem para mantê-la (ou algumas horas dos vários membros da família). Em proporção, todos têm uma base regular de agave.

Nas terras dos sitiantes, a roça é, por vezes, importante, ocupando muitos trabalhadores da família, permitindo uma alimentação satisfatória para todos. Porém, por vezes é a roça modesta; neste caso ela ocupa pequena extensão, exigindo somente o trabalho de um adulto. Não devemos esquecer, entretanto, que aos rendimentos da roça, sejam eles grandes ou pequenos, anexa-se os do plantio feitos sistematicamente entre as fileiras de palma principalmente, e entre a agave. O plantio da agave constitui, em geral, uma base de 10 a 30 ha (com algumas exceções: uma, que cobre superfície ainda maior, tratando-se de propriedade a ser melhor classificada no grupo seguinte, por outras razões, visto que seu dono projeta ir estabelecer-se na cidade; e outra em que não é quase plantada). A caatinga constitui pastos de inverno, a exemplo do campo de agave; cada família possui um rebanho de 5 a 15 bovinos e ovinos, o que completa de maneira mais sadia a alimentação familiar.

Na categoria dos fazendeiros que exploram suas terras, com exceção de um, aumenta a importância do pastoreio e da agave na economia agrícola. Todos possuem por exemplo 20 a mais cabeças de gado de grande porte. A roça aparece sempre, tanto para o dono da propriedade quanto para o morador. Estes, não possuindo gado, devem deixar livres suas roças ao do patrão, após as colheitas. Os trabalhos de agave são importantes: ocupam parte ou a totalidade do tempo dos moradores.

Terras dos fazendeiros ausentes e administradores: se bem que a caatinga cubra superfícies variadas, que podem ser vastas, a criação é nula (com exceção de uma propriedade possuindo mais de 100 cabeças de gado); a agave é a única forma de aproveitamento. Temos aí o exemplo de uma monocultura dominante, limitando-se com trechos de terra inexplorada.

Formas de sistemas de culturas variadas, cujo mosaico contrastante corresponde a situações que podem ser explicadas.

c) *Explicação e justificação das formas do sistema de cultura.*

Razões exteriores à região e atitudes dos proprietários influem na organização do espaço agrícola dentro das grandes propriedades (mais de 100 ha).

Os fazendeiros que exploram suas terras sustentam-se principalmente com a agave, planta que geralmente “dá bom lucro”. Outros rendimentos menores são fornecidos pela roça (milho feijão, legumes, frutas) e o pastoreio (leite, manteiga e queijo) além de equilibrarem o regime alimentar. Nem todos entretanto chegam a vender os excedentes das culturas anuais, se bem que a renda suplementar fornecida por esta venda tenha incentivado alguns a separarem para estas culturas superfícies maiores de suas propriedades. A comercialização do leite é ainda incipiente com dois produtores que começam a abastecer o centro urbano.

Já os fazendeiros administradores têm atividades urbanas que os mobilizam de tal modo que o tempo disponível para se ocuparem de suas propriedades é restrito. Nestas condições, a agave é ainda a cultura ideal: tècnicamente simples, não exige mão-de-obra permanente nem o corte em uma época fixa ao ano (ao contrário das culturas anuais cuja colheita deve ser obrigatoriamente feita dentro de um certo prazo). A mão-de-obra da agave é auto-responsável para o essencial, isto é, para o corte; uma supervisão semanal é suficiente para o bom contrôle das operações. Além do mais, o risco de sêca é quase inexistente. Finalmente, esta planta permite uma prática capitalista especulativa. Diante de tais razões certos proprietários dedicaram-se totalmente a esta cultura, considerando ridícula a prática de outras atividades.

Em tôdas as fazendas os moradores têm pequenas roças, no máximo 3 a 4 ha, perdidos em centenas de ha de agave.

Qual a situação referente às propriedades menores (menos de 100 ha)? Em tôdas, praticamente, e com a mesma clareza, obtivemos as seguintes respostas: “o pobre deve plantar um pouco de cada coisa”, “para sair-se bem é preciso experimentar de tudo”, “não se deve deixar o certo pelo duvidoso” (falando da planta única, aqui a agave). Todos êstes camponeses vivem exclusivamente do seu trabalho, dêle retirando sua alimentação de origem animal e vegetal: disto êles têm consciência. Por esta razão, exploram os mais variados recursos, incluindo, entre êles, duas espécies de feijão, uma que renderá mesmo se o ano fôr muito chuvoso e outra que renderá mesmo se fôr sêco; incluem ainda o algodão arbóreo que nas fazendas desapareceu. Neste sistema há certamente uma parte de hábito, mas êle revela um certo equilíbrio; com efeito, plantar a agave significa esperar três anos para a primeira colheita, e êstes pequenos não dispõem de recursos suficientes para viver durante êste tempo; a isto soma-se a apreensão de solicitarem empréstimos bancários cujo pagamento pode ser dificultado por diferentes razões, sobretudo referente a uma possível queda de preço do sisal no mercado. Esta objeção nunca referida pelos grandes fazendeiros, tornou-se realidade

em 1965 e em fins de 1966, quando o preço do produto sofreu uma baixa considerável. Os pequenos não sofreram esta experiência, pois cortaram a agave da mesma forma, lucrando, se bem que um mínimo: há lucro, é tudo que conta para um camponês que se apóia ainda nos rendimentos das demais culturas.

Assim, se bem que a agave nunca apareça como planta única nesta categoria de propriedades, ela aí está sempre presente. Isto porque “é uma cultura certa”, “pode ser plantada mesmo com uma só chuva”, “pode-se deixar encapoeirar” (isto é, pode-se deixar ali crescer as ervas daninhas se naquele momento é mais urgente limpar a roça), enfim “traz rendimentos maiores que a roça” e equilibra o orçamento anual.

Em conclusão, neste contexto geral, um fato então se destaca: o da importância relativa da agave, mesmo entre os menores proprietários. É uma planta que reúne em si uma série de elementos de atração: um dos raros produtos (ou mesmo o único a sustentar as necessidades não essenciais das famílias, graças à sua extraordinária adaptação ao meio; ou único produto ali financiado pelos Bancos, enfim; uma cultura especulativa em fase ascendente.

### III — OS HOMENS

#### 1. — *A população*

No presente capítulo consideraremos a população sob seus aspectos quantitativos, examinando-a sob três pontos de vista. Em primeiro lugar, a população ativa que está diretamente ligada às atividades que já analisamos e que é a mais fácil de se conhecer. Depois analisaremos toda a população cuja renda é proveniente da região considerada, isto é, que dela vive pelo menos em parte: é a que chamamos “dependente”. Enfim, estudaremos essa população dependente ali onde ela reside, seja este ou não o seu lugar de trabalho.

##### a) *População ativa. (mapa n.º 4)*

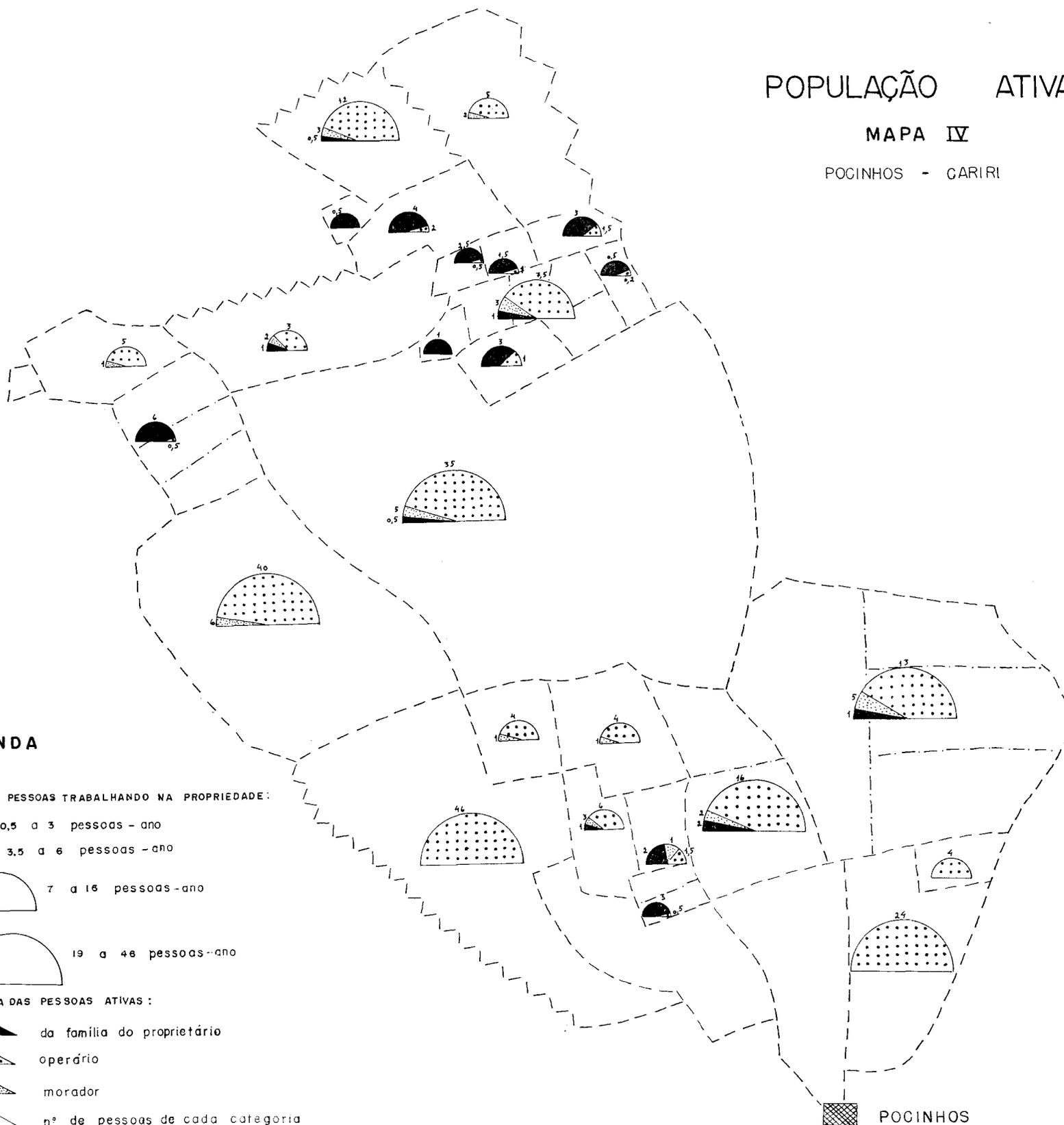
São três as categorias desta população de fácil identificação: os fazendeiros que exploram e que possuem uma só propriedade, os sitiantes e os moradores. Se um dos fazendeiros tem outra propriedade, repartindo seu tempo entre as duas, nós aqui o consideraremos como meia pessoa ativa.

Mais delicado é conhecer o número dos operários da agave. Com efeito, é difícil saber quanto tempo cada proprietário utiliza os serviços da equipe da agave durante o ano; apenas alguns responderam e com um mínimo de segurança. Por isso tentamos chegar a esse resultado indiretamente (8).

# POPULAÇÃO ATIVA

## MAPA IV

POCINHOS - GARIRI



### LEGENDA

NÚMERO DE PESSOAS TRABALHANDO NA PROPRIEDADE:

- 1- 0,5 a 3 pessoas - ano
- 2- 3,5 a 6 pessoas - ano
- 3- 7 a 18 pessoas - ano
- 4- 19 a 48 pessoas - ano

CATEGORIA DAS PESSOAS ATIVAS:

- 5- da família do proprietário
- 6- operário
- 7- morador
- 8- nº de pessoas de cada categoria

1 km

A mão-de-obra ocupada na criação, sendo pouco numerosa (2 ou 3 vaqueiros no caso dos dois fazendeiros que possuem o maior rebanho) torna-se necessário considerar as densidades pelas superfícies cultivadas.

QUADRO N.º 3

*Resultado dos Cálculos*

PROPRIEDADES	MÃO-DE-OBRA				DENSIDADE	
	Total de pessoas ativas	Membros de família de proprietário	Assalariados permanentes (moradores)	Assalariados temporários (operários da agave)	Por km2	Por km2 cultivado
Minifundiária.....	5	4,5	1	—	7,0	8,0
Sitiantes.....	41	22,5	4	14,5	8,0	16,0
Fazendeiro que explora.....	111	6,0	20	85,0	4,0	9,0
Fazendeiro administrador....	118	—	10	108,0	7,0	13,5
Fazendeiro ausente.....	5	—	1	4,0	4,0	14,0
Conjunto.....	280	33,0	35	212,0	5,5	11,0

Podemos distinguir neste quadro dois grupos. No primeiro, as densidades por km<sup>2</sup> cultivadas são de 8-9; no outro, são de 13,5 a 16, ou seja uma relação de 1,5 a 2. O minifúndio, muito pequeno, emprega menos que os demais tipos de propriedades. Os fazendeiros que exploram suas propriedades empregam, o que é curioso, poucos homens. No caso dos dois outros tipos de fazendas, a taxa é sensivelmente mais elevada: ora, é ali também que a agave domina. Seria assim esta planta um maior fator de povoamento que as outras atividades? (As terras aí cultivadas são cobertas em 90% de agave, enquanto o são em 80% as dos fazendeiros que exploram). Enfim, a propriedade sitiante domina: a quantidade de trabalho aí investido anualmente é nitidamente maior que em outras áreas.

b) *População "dependente"*.

O número de pessoas das famílias que vivem no perímetro estudado e das famílias de fazendeiros que vivem na cidade foi obtido por informação direta. O levantamento, feito numa das ruas operárias de Po-cinhos onde dominam os operários da agave, mostrou que um trabalhador, jovem ou adulto, faz viver 3,5 pessoas: 3,5 multiplicado pelo número de operários da agave dá o número dos dependentes. A única dificuldade surge por parte dos fazendeiros cuja renda vem de outra fazenda ou de outra atividade; foi necessário impor um coeficiente de dependência da terra situada na região estudada; êle varia de 1/2 para a família que tem uma outra propriedade rural até 1/10 para o representante regional de uma grande firma automobilística; a solução é, evidentemente arbitrária: somente após um outro levantamento, bem mais delicado, poderíamos conhecer as rendas globais desta família e, em seguida, o papel das terras estudadas dentro dessas rendas.

QUADRO N.º 4

A População "Dependente"

PROPRIEDADES	N.º total de dependentes	DENSIDADE		MEMBROS DA FAMÍLIA		
		Por km2	Por km2 cultivado	De proprietários	De moradores	De operários da agave
M inifundiária.....	27	40,0	45,0	27	—	—
Sitiante.....	150	30,0	56,5	76	17	58
Fazendeiro que explora.....	440	15,5	35,0	33	118	290
Fazendeiro administrador.....	470	27,0	53,0	20	75	375
Fazendeiro ausente.....	22	18,0	63,0	1	5	16
Conjunto.....	1 200	23,0	48,0	228	215	745

O quadro n.º 4, que agrupa os resultados numéricos, mostra o peso demográfico, a responsabilidade dos dois grupos de fazendeiros que exploram e dos administradores: êles representam, respectivamente, 40 e 43% da população dependente. As terras sitiantes, por seu lado, fazem viver um número de homens não desprezível.

Comparamos com a superfície cultivada, no quadro de cada tipo de propriedade:

10% das terras são cultivadas pelo grupo sitiante que faz viver 15% da população.

50% das terras são cultivadas pelos fazendeiros que exploram e que fazem viver 40% da população

35% das terras são cultivadas pelos fazendeiros administradores que exploram e que fazem viver 43% da população.

O estudo da densidade revela uma variação grande, de 15 a 40, que não é facilmente interpretável. É curioso *a priori*, que a densidade em terras de sitiantes não seja mais elevada que em terras dos fazendeiros. As densidades por km<sup>2</sup> cultivado apresentam uma maior variação, mas exprime poucos fatos, como vimos. Ao lado de tôdas estas nuances, cabe verificar que a média geral de 48 é elevada, sobretudo para uma região como o Cariri.

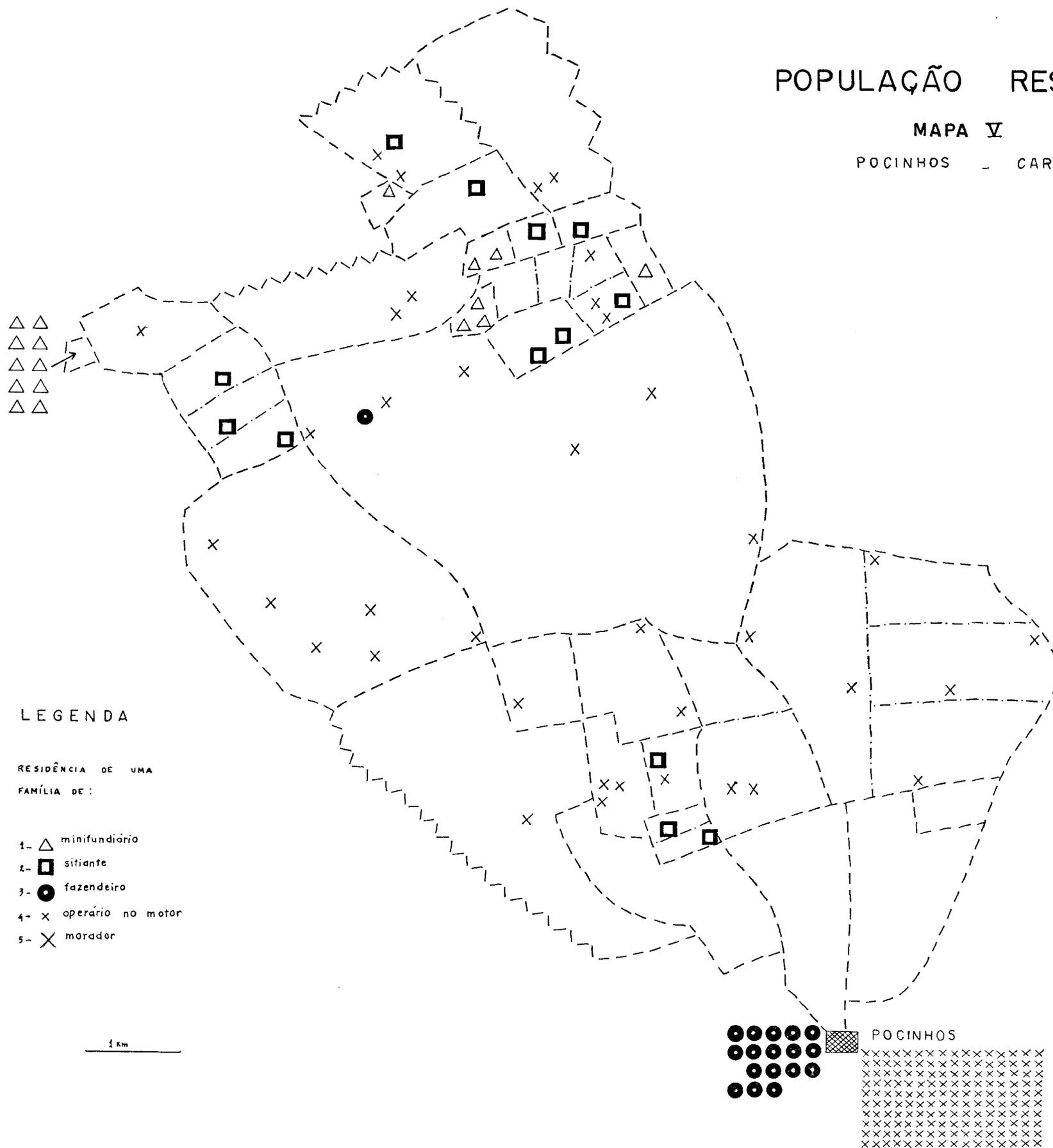
O quadro n.º 4 e o mapa n.º 4 informam sôbre a repartição por categorias sócio-profissionais, o que não apresenta surpresas. O minifúndio faz viver apenas os seus proprietários, ou melhor, só uma parte dêles. A terra sitiante oferece subsistência às famílias e um número igual de assalariados (a maior parte dêstes trabalhos no sítio assimilável a uma fazenda). As outras terras oferecem subsistência essencialmente aos assalariados. A categoria dos moradores é sempre pouco importante numericamente.

Notamos bem que todos êstes dados tratam do número de pessoas dependentes: o aspecto qualitativo, ou seja, se sua vida e seu conforto é assegurado, é outro aspecto da questão a ser estudado posteriormente.

# POPULAÇÃO RESIDENCIAL

MAPA V

POCINHOS - CARIRI



c) *A População residencial*

O mapa n.º 5 e o quadro n.º 5 dão tôdas as informações numéricas concernentes a êste aspecto da população.

QUADRO N.º 5

EM TERRAS DE	N.º de pessoas residentes	DENSIDADE		Categoria sócio-profissional
		Por km2	Por km2 cultivado	
Minifundiários.....	107	153	—	Operário-sitiente Sitiantes e 11 moradores do sítio semelhante a uma fazenda
Sitiantes.....	87	17	33	
Fazendeiros que exploram.....	135	4,5	11	Moradores e 10 membros da família, fazendeiros (teóricamente administradores)
Fazendeiros administradores....	75	5	8,5	Moradores
Fazendeiros ausentes.....	5	8	15	Moradores
Conjunto.....	410	8	16	—
Na cidade.....	2	—	—	Proprietários residentes em Esperança
	6	—	—	Proprietários residentes em Campina Grande
	53	—	—	Proprietários residentes em Pocinhos
	515	—	—	Operários residentes em Pocinhos
SUBTOTAL.....	576			
TOTAL GERAL.....	986			

Concluindo, podemos distinguir três grupos.

O primeiro é dos cidadãos: as famílias de fazendeiros administradores e ausentes sempre permanecem na cidade; os fazendeiros que exploram ausentam-se dali só durante o dia; já os operários do motor de agave ali vem passar o fim de semana.

Os dois outros grupos são dos que vivem todo o tempo no campo. Sitiantes e minifundiários têm terras geralmente vizinhas uma das outras, o que intensifica as relações de vizinhança; com efeito as densidades são compreendidas entre 33 e 50, formando nesta região uma área de povoamento importante.

O terceiro grupo apresenta densidade muito fraca (densidade residencial entre 5 e 8): são os moradores, dispersados pelas terras da fazenda; distantes do vizinho mais próximo até de alguns quilômetros.

2. *Tipos de homens. Relações de trabalho e modos de vida.*

O Cariri é região variada em sua estrutura fundiária, em suas formas de economia agrícola, e também em seus tipos de homens, refletindo relações de trabalho e modos de vida diversos. Homens que reunimos em tipo de proprietários e tipos de trabalhadores, agora vistos de forma mais detalhada.

a) *O proprietário ausente*

Geralmente êste proprietário é comerciante, médico algumas vêzes, industrial ou funcionário. Quase sempre originário da região, não mais pertence a ela. Vê na agave tão somente uma fonte de renda suplemen-

tar, fácil e só utiliza parte do lucro obtido quando o preço do sisal sobe: planta então que ocupa novos campos de agave. Na realidade, o essencial da renda é exportado, juntando-se às que procedem de atividades urbanas. Seu interesse pela região ainda é menor quando o preço do produto baixa: deixa crescer livremente o mato entre as filas da planta e diminui o corte anual. Este decréscimo não o prejudica, pois não há gasto fixo que exija cada ano um mínimo de lucro. Mas de outro lado, seus campos representam trabalho, diárias que, nesta situação, vão faltar aos que dependem da agave.

b) *O fazendeiro administrador*

Ele pode também ter uma atividade urbana; por vezes são fazendeiros que possuem propriedades em outras áreas, sendo ali suas visitas mais freqüentes que na fazenda de Pocinhos. Entretanto, suas preocupações quotidianas estão ligadas à cidade onde ele reside sempre (dois deles em Campina Grande).

A maneira de viver entre proprietários difere. Há o homem de negócio que possui uma rica casa em Campina Grande, que viaja ao sul e mesmo ao estrangeiro, cujos filhos vão ao colégio ou até a universidade. Há modo de vida do comerciante local ou aquele que vive de pequenas rendas, simples, morando em casa ainda sem estuque, sem mosaicos, mas cujos filhos estudam atingindo no mínimo o nível secundário num bom colégio: ele pode dar a cada um deles uma situação, pelo menos um pequeno negócio.

Este tipo de proprietário visita geralmente a fazenda uma vez por semana. E o faz principalmente para pagar a semana de trabalho, ou como se diz entre eles "pagar a feira". Mas não somente: também para controlar o que foi feito, deixando ordens para a semana seguinte. Os dois proprietários que têm gado interrogam os vaqueiros sobre as doenças e instruem sobre a venda do mesmo. Sendo a ocupação da terra feita predominantemente com a agave, um administrador não é indispensável, mas ele existirá certamente se o dono de terra possui motores de desfibramento: neste caso deve-se encarregar de seu emprêgo quotidiano, assim como das limpas. Se os motores são alugados, o proprietário pode entender-se cada semana com os chefes das equipes de desfibramento. De qualquer maneira, com ou sem administrador, o proprietário é quem dirige a fazenda, podendo fazê-lo porque é uma forma de aproveitamento simples, que não supõe necessariamente uma atenção constante e onde os erros a serem evitados são mínimos.

Estes dois primeiros tipos de proprietários praticam portanto, de maneira mais ou menos exclusiva, um sistema de monocultura. Na maioria dos casos, eles o adotaram pouco a pouco, a partir da situação antiga, tradicional. Apenas em dois dos casos estudados o sistema foi iniciado logo após a compra de uma terra coberta de caatinga, pois neste caso os capitais provenientes do comércio criaram uma forma de capitalismo agrícola especulativo, a que faz investimentos na terra apenas no momento em que sobem os preços do produto de exportação, no caso do sisal.

c) *O fazendeiro que explora.*

Trata-se do proprietário que reside, como o precedente, na cidade, mas que se desloca diàriamente para trabalhar na fazenda. É o automóvel, o *pick-up Ford* ou o *jeep*, que permite essa organização da vida quotidiana: graças a êle o trajeto entre a fazenda e a cidade pode ser feito em menos de trinta minutos. Na maioria dos casos, o fazendeiro nasceu na fazenda, e gosta do lugar. Entretanto êle não o habita há mais de dez anos, desde a introdução maciça do automóvel depois da guerra.

Com êle, o centro urbano, Pocinhos pela maioria, apresentando vantagens novas irresistíveis, ficou acessível. Os fazendeiros são unânimes em dizer que a principal dessas vantagens é a escola para seus filhos, que desejam continuar os estudos completando pelo menos o ginásio, fundado em 1965. Por que a importância da escola? A maior parte é semi-alfabetizada; porém êles sentem que hoje não pode ser assim: seus filhos saberão ler e escrever pelo menos, e irão até onde queiram; êles não os encaminham forçosamente a outros estudos porque existem ainda muitos empregos que não supõem grande formação. Por exemplo, um dos maiores proprietários, praticamente analfabeto, permitiu que dois dos seus filhos e filhas desejosos de estudar, fizessem o curso superior. Já um outro, não pôde encaminhar seus filhos pois o único rapaz é doente e as filhas casaram jovens; seus genros, que cursaram só o primário, têm, graças ao sogro, empregos simples, como dono de um café ou proprietário de um caminhão. Êste senhor, entretanto, não lamenta tal situação: como os demais êle não tem nem preconceito social, nem ambição para querer exigir dos seus o abandono de profissões manuais tradicionais do lugar.

A segunda vantagem do centro urbano é a eletricidade, introduzida e instalada desde dois ou três anos. Ela permite a urbanização do centro, deu ao mesmo uma feição de "cidade": a casa se tornou clara, agradável; o refrigerador pôde ser mais facilmente usado, tornando a vida desta região quente mais suportável. Principalmente o aspecto da rua iluminada mudou completamente; a praça tomou outro relêvo tornando-se centro de vida noturna, tanto para os jovens que aí passeiam como para os adultos. Êstes freqüentam os cafés, a sorveteria e bilhares que se encontram em redor da praça, mesmo que seja apenas para se sentar nos bancos e conversar; as lojas que ficam abertas até tarde são também pontos de reunião. Enfim, é possível o funcionamento do cinema, quatro dias por semana, a grande diversão.

"Cidade", centro portanto com possibilidades de cultura para os filhos, com maior confôrto e distrações. Centro também de contatos e isto é inegavelmente importante na vida dos homens desta região, que têm um ritmo duro e rotineiro: êles se levantam cedo, controlam a ordeanha num cercado situado ou na cidade ou geralmente numa fazenda, enviam os moradores ao trabalho, executam uma outra tarefa, se necessário (um transporte, passar o cultivador, etc.) retornam à cidade só à noitinha. É então que começa para êles a vida urbana.

Habitantes de cidade, os fazendeiros participam mais ativamente nas feiras, excelentes ocasiões de contato, na vida religiosa e política. Além disso o conhecimento da vida urbana leva a maior feminilidade, à modernização da vestimenta feminina: três das cinco jovens senhoras estão a par da moda.

Os homens estão interessados em tudo que possa melhorar suas condições de trabalho, porque têm necessidades novas: todos já possuem casa bem construída, móveis modernos, roupas para sair, encargos a pagar referentes à escolarização prolongada dos filhos, etc. Tudo isto pode ser aumentado e ampliado; é o ciclo da vida urbana que se manifesta.

Contatos com pessoas de fora, comerciantes, técnico, de maior facilidade em ler jornais e se informar, em geral, fazem com que a visão dos problemas, como o da existência de trustes internacionais que controlam a exportação do sisal.

Bem formados e apoiando-se num sistema de cultura equilibrada que reduz o efeito das sêcas e das variações do preço do sisal, um dentre os filhos destes agricultores poderá ser mais útil que o pai para a região, aceitando todos viver ali, numa aglomeração onde o gênero de vida é e será cada vez mais o de uma cidade.

#### d) *O sitiante.*

Ele vive de sua terra, o sítio, e é ele que trabalha com toda sua família, inclusive as filhas, algumas vezes; assalariados são contratados para completar a equipe da agave. O pai e seus filhos trabalham muito, na maior parte dos casos, e durante todo o ano: na verdade seis entre oito têm consciência da eficácia de um trabalho bem coordenado. Por isso eles vivem com esperança e energia, em um regime equilibrado. Podem-se alimentar bem, e o fazem, conscientes que isto é necessário para o bom rendimento do trabalho; vestem-se convenientemente para sair, possuindo todos um terno (um ou dois vestidos no caso das mulheres); a casa é de tijolos, sólida e ampla, coberta de telhas, com diversas dependências (quartos, sala de refeição, cozinha, armazém para cereais).

Entretanto há limitações: poucos e simples são os móveis existentes: uma mesa para refeição, dois bancos, alguns tamboretos, um pequeno armário em madeira e portas de vidro com meia dúzia de pratos e xícaras, camas para os pais e filhas, rédes para os outros. A instrução dos adultos é nula; em três famílias somente, uma ou duas crianças terminaram o curso primário; todos, entretanto, desejariam que seus filhos fossem alfabetizados.

Esta falta de base de educação escolar não impede que os sitiantes conheçam os problemas referentes ao seu trabalho: todos, salvo uma única exceção, têm uma visão clara de como devem ser seus sistemas de cultura: um sistema de *mixed-farming* (agricultura associada à criação) para o auto-consumo, e uma cultura de boa comercialização. Esses ho-

mens buscam meios de intensificar seus rendimentos, porque o espaço, para a maioria deles, é limitado, seja para culturas de subsistência, seja para a agave. Não esqueçamos ainda, que são êstes os únicos que possuem criação para as necessidades da família.

A concentração geográfica dos sítios permite a existência de uma vida social relativamente importante: são feitas visitas de sítio para sítio, todos se conhecem bem; de vez em quando, em São João por exemplo, reúnem-se jovens e adultos em uma casa para dançar à tarde e à noite. Além disso, esta concentração permitiu a realização de um antigo sonho destes sítiantes: a existência de escolas para seus filhos. Com seus vizinhos minifundiários e um fazendeiro, todos situados a noroeste da região considerada, são eles os únicos residentes do conjunto estudado que dispõem de duas escolas, cada uma com vinte crianças e adolescentes inscritos.

Tôdas as estruturas, agrícola, social, mental, datam da geração atual, ou seja de homens de 40-50 anos. Elas não estão concluídas, mas a relativa coesão já alcançada pelo conjunto é um bom presságio para o futuro. Encontramos as mesmas características num conjunto importante de sítios, situados a sudeste de Pocinhos, fora da zona estudada.

e) *O minifundiário.*

Seja porque a terra é muito pequena para a região (um caso com 5 ha), seja porque a família cresceu sem que tenha recebido herança ou tenha havido compra de novas terras, o certo é que a propriedade não é suficiente para garantir um nível de vida condigna para a família. Todos os rapazes de mais de 14 anos trabalham fora (o ano todo em 4 casos, 6 meses no mínimo em um caso). Algumas vezes, mulheres e moças vão igualmente trabalhar como assalariadas no motor de agave.

Êste grupo aproxima-se rapidamente do seguinte, o do operário do agave; vimos em dois casos proprietários que negligenciam completamente suas culturas, enquanto que outros apresentam cada vez mais a tendência de se ocupar das mesmas apenas no domingo; isto se liga não somente ao fato de pequena propriedade mas também à coincidência freqüente entre o corte da agave e a época do trabalho intensivo na agricultura, o que cria uma incompatibilidade. É por isso que a denominação para êstes homens, de condição mista agricultor-assalariado por predominância do segundo aspecto seria a de "operário-sítiante", semelhante às utilizadas em francês e em alemão.

f) *O operário da agave.*

São êstes os verdadeiros assalariados que trabalham seis dias por semana todo ano, com um salário diário baseado na produção do sisal. Alguns desses têm ainda atividades propriamente agrícolas que lhe proporcionam parte de seu sustento: são cinco os minifundiários citados anteriormente. A maioria é constituída por operários que não possuem nem mesmo residência rural: nos últimos anos quase todos se insta-

laram na cidade, na “rua”, constituindo uma mão-de-obra de residência urbana e de atividade rural. Durante 7 ou 9 meses eles trabalham na região, nos arredores de Pocinhos, voltando nos fins de semana para casa. Nos meses mais quentes, quando a agave murcha, eles se deslocam, seja mais para leste para o Agreste mais úmido, seja para as serras, como a de Teixeira; algumas vezes, ocupam-se em outras atividades, nos meses quentes.

Sabemos que as equipes do motor são geralmente mistas, ocupando também crianças de mais de 10 anos (é de se notar que entre os sitiantes as mulheres só trabalham muito excepcionalmente no campo e ainda mais no motor). Os salários diferem segundo as pessoas relacionadas às tarefas por elas executadas. Os lucros semanais são de ordem de Cr\$ 7.000,00 a Cr\$ 12.000,00 (cruzeiros antigos ou seja 7,00 a 12,00 cruzeiros novos) se o pai de família trabalha só (e segundo a sua tarefa), um pouco mais trabalham os demais membros da família. Naturalmente o número de crianças em casa é decisivo no padrão de vida de cada família.

Durante a sondagem verificamos que 85% dos operários são originários da região, porém não foi possível saber qual a condição anterior.

#### g) *O morador*

“Eu sou morador de Sr. Fulano”: é assim que se apresentam e se definem os trabalhadores rurais que não possuem terra e habitam na propriedade de alguém. Ao contrário dos operários da agave, os moradores voltam para casa à noite; mas, é uma casa que fica na terra do dono para quem ele trabalha. Lá, não encontra um centro iluminado nem outras facilidades da vida urbana, nem aliás a possibilidade de encontrar muita gente de sua condição, dispersa na paisagem.

Antes de tudo, ele dispõe de uma casa gratuita. Em geral, trata-se de uma pequena casa clássica do Nordeste: paredes de taipa, teto quase sempre coberto de telhas, mais ou menos em bom estado (apenas um patrão construiu casas de tijolos). No perímetro estudado, poucas são as casas que dão a impressão miserável de cabana. Em seis casos o morador mora mesmo na sede da fazenda.

Tem também o direito de semear, de ter uma “roça”. Esta área se localiza num fundo de vale, numa várzea, num campo de agave ou de palma durante os dois primeiros anos da plantação. A superfície não é limitada, pelo contrário: quando a roça é no campo de agave torna-se de proveito para o fazendeiro já que por causa delas a limpa será feita. Não obstante, a roça ultrapassa raramente os 3 ha. A explicação deste fato não foi bem esclarecido: no caso de fazendeiros que exploram, a razão parece ser a prioridade dada às roças do patrão. Em duas propriedades encontramos roças maiores: ali os fazendeiros preparam a terra em grandes unidades, dão sementes e permitem a utilização do seu material, o boi e o cultivador, e mesmo o trator num caso. Em tôdas as roças semeia-se apenas plantas anuais: os proprietários não querem ter problemas com indenização aos moradores (por exemplo, eles não devem construir açudes ou melhorar suas casas).

O morador não tem direito de criar gado bovino: todos os restolhos estão reservados para a criação do patrão. Metade da colheita pertence ao fazendeiro; em dois dos casos a meia só é feita com a algodão e o feijão, produtos de maior valor. O proprietário fornece, nos dois casos citados acima, as ferramentas e o arado; alguns dão uma parte das sementes; mas de modo geral, a contribuição é pequena. Em consequência, a roça e a pequena criação pouco praticada, não constituem uma base sólida para a alimentação familiar, geralmente deficiente. Em contraposição, o morador goza de alguns direitos: uso de água, extração de madeira e, em um caso, assistência médica e farmacêutica.

Neste esquema de vida, o rendimento do morador não vem da roça mas de um salário. Nove fazendeiros entre 14 “dão a feira”, isto é, pagam no dia ou na véspera da feira semanal uma soma correspondente à remuneração de 5 dias de trabalho, na base de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros antigos ou um cruzeiro nôvo) por dia (um pouco menos que isto em dois casos e mais do que isto em um caso). Três fazendeiros pagam diárias, por exemplo, se o morador trabalha em um motor de agave, e indenizações estabelecidas para certas tarefas (empreitadas); como êsses moradores trabalham 5 dias por semana o ano todo, o caso se assemelha com o primeiro. Enfim, três fazendeiros não possuem moradores. Notamos que nas vizinhanças do perímetro estudado, muitos proprietários oferecem apenas 2 ou 3 dias de trabalho por semana em média.

A situação, portanto, dos moradores não é satisfatória em seu conjunto, se bem que, à primeira vista, não apareça um especto chocante de miséria. Por exemplo, as casas em sua maioria não são miseráveis, como em outras regiões, se bem que, observadas mais de perto, dão uma impressão de pouco asseio e de pobreza: por vêzes, vê-se uma pequena mesa de um metro, 2 ou 3 tamboretetes; nem sempre há camas para os pais; à mesa aparece a farinha de mandioca, feijão, rapadura e o café, em quantidades limitadas (mas que, infelizmente, não foram até agora medidas). Nada agradável, suavizando êsse quadro, nem fora, com flôres, nem dentro da casa.

De certo modo o morador goza de ajuda do patrão, que é geralmente seu compadre: adiantamento de uma nota de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros antigos ou um cruzeiro nôvo) para a compra de um medicamento, por exemplo. Mas êle é econômico e socialmente dependente. De fato, sob o ponto de vista econômico, a maioria dos moradores afirma que um salário semanal mesmo regular não supera o benefício de uma colheita pessoal suficiente para alimentar tôda a família anualmente. Trata-se de um problema bem conhecido no Nordeste, onde os produtos de base têm preço elevado, em razão de sua produção insuficiente. Entretanto, esta razão ainda merece exame mais detalhado: não é esta atitude normal de antigo sitiante independente?

Também socialmente o morador é dependente: não dispõe de culturas perenes, as únicas de valor (fortemente comerciais e muito resistentes à seca); não dispõe de gado bovino; vive na incerteza de poder

manter-se alguns anos (ou mesmo durante o ano); não pode prever, com segurança, se poderá semear a roça no momento preciso. Além disto, vive de forma isolada: as casas estão dispersas na propriedade, uma perto de uma estrada, outra ao longo duma pastagem de caatinga. Alegam alguns proprietários que esta dispersão é necessária, pois evita brigas constantes pelos mais variados motivos: crianças, galinhas, mulheres, mas sem dúvida também assim o fazem para estarem certos de ter paz em sua terra.

Neste contexto, a estabilidade humana é medíocre: são poucos os que permanecem 4 ou cinco anos no mesmo local em geral ficando apenas 2 ou 3 anos. Por uma questão tola, um mal-entendido, algumas vezes sem razão aparente, (por tendência quase natural), o morador e os seus se vão. "Se Deus quiser", um fazendeiro, do qual ouvi referências, lhe dará um pedaço de terra para morar, a uma légua ou a uns dias de lá.

Raras são as famílias que emergem dêste quadro. De qualquer forma elas mantêm, apesar das adversidades, qualidades reconhecidas do sertanejo, ou, mais simplesmente, da maioria dos brasileiros: uma gentileza simples de um convite para entrar e aceitar uma xícara de café, senso de humor e cordialidade ao responder às indagações de um estranho, mesmo quando se trata de falar sobre aspectos da sua própria miséria.

#### IV — CONCLUSÃO: AS SITUAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS

Ao término dêste estudo podemos tentar uma resposta ao problema de se saber até que ponto cada grupo social possui uma situação equilibrada ou não: como chegar a assegurar sua vida, razoavelmente ou a grande custo? De que condições depende sua existência? Garantem-lhe estas condições ou não um futuro seguro?

##### 1. *Examinaremos, em primeiro lugar, a situação do sitiante*

É certo que sua terra é suficiente para seu sustento, principalmente no Nordeste: a impressão de sentar-se numa mesa provida é real. Naturalmente isto pode variar de um ano para outro: mas o mesmo acontece em relação a qualquer sitiante, a qualquer camponês do mundo. Ele necessitará comprar de vez em vez um complemento de milho ou de feijão, e comprará sempre a farinha, a rapadura, o açúcar, café, carne, sabão e querosene. Seu mercado abastecedor é Pocinhos, onde gasta cerca de 10.000 cruzeiros antigos, ou 10 cruzeiros novos por semana. Estas são cobertas principalmente pela venda do sisal produzido sobre 15 a 30 ha, o que corresponde a uma renda de meio milhão a 2,4 milhões de cruzeiros antigos, ou 500 a 2.400 cruzeiros novos segundo as propriedades. Na verdade estas rendas são superiores visto que uma parte da mão-de-obra é familiar.

Neste balanço, resta anualmente um saldo mais ou menos importante: os lucros não são contados, é a existência do saldo, seja ele qual for, que importa para o sitiante. De acordo com os anos, poderá ou não empreender algum trabalho (construir um depósito, aumentar a casa ou construir uma outra para um filho ou filha casada, comprar um meio de transporte, fazer uma barragem ou uma cerca). Esses empreendimentos não foram registrados em 1966 visto que as rendas foram baixas: entre 0,7 e 1,3 milhões de cruzeiros antigos (setecentos a 1.300 cruzeiros novos).

Naturalmente a importância relativa do saldo depende do número de membros da família ou então do número de homens ativos em relação ao total. Em um dos casos, 4 homens trabalhando em 60 ha cultivados garante o sustento da família de 10 elementos; em outro caso, duas pessoas ativas e uma que traga um salário para casa chegam a sustentar bem uma família de 9 pessoas trabalhando em 25 ha cultivados; porém 20 ha não são suficientes para sustentar uma família de 20 pessoas: esta família foi portanto classificada entre os minifundiários.

Em outras palavras, o sítio é viável a duas condições: deve ter de 30 a 50 ha, no mínimo, dos quais 5 a 10 de roça e 10 a 20 de agave; e deve comportar uma mão-de-obra familiar de 2 a 3 pessoas, onde todos trabalham no sítio, ou tendo um membro que trabalhe fora e traga seu salário para casa. Desta forma, o sítio assegura mais que a própria sobrevivência, serve de apoio a uma vida que, se bem que dura, é entretanto humana. Um destes sítiantes teve, em 1966, uma renda de dois milhões de cruzeiros antigos (ou dois mil cruzeiros novos). Esta soma representa muito no interior do Nordeste.

Não esqueçamos as facilidades de escolarização, de vida social e as possibilidades de empréstimo bancário (para comprar, por exemplo, um silo para grãos). Se existisse intensificação de todas as práticas agrícolas e organização da comercialização dos produtos, o sitiante teria um futuro aberto diante de si.

## 2. *O caso dos fazendeiros como sabemos é bem diferente*

Devemos nos lembrar que os fazendeiros ausentes e administradores são homens ligados a atividades urbanas e, ao lado destas, ou por tradição ou para ter mais uma fonte de renda, possuem uma fazenda. Houve neste caso uma independência progressiva: de um lado, não participam mais direta e constantemente do aproveitamento de sua terra; por outro lado, não dependem totalmente da propriedade agrícola, seja porque sua alimentação é fornecida pelo comércio da cidade, seja porque o essencial da sua renda provém das atividades urbanas. Podemos e devemos, no momento, abandonar o ponto de vista rural: estes homens são "fazendeiros" vistos do campo, de sua terra; mas são na realidade, verdadeiramente proprietários urbanos que possuem uma fazenda.

O terceiro tipo de fazendeiro, pelo contrário, o que explora é o único que se pode dizer verdadeiro agricultor: não é apenas sua vida profissional que se desenvolve na fazenda, mas também êle dela depende totalmente, pelo rendimento em dinheiro e pela alimentação essencial que vem da mesma.

O sisal, fonte de renda mais importante da região, tem uma importância diferente para uns e para outros. Para os primeiros é complemento para as rendas que provêm das atividades urbanas. Ao contrário, torna-se essencial para os fazendeiros que exploram: o sisal os faz viver, no nível e com as necessidades dêle resultantes. Estas rendas variam segundo a plantação: 10 ha no mínimo, ou 300 no máximo renderam entre 8 a 24 milhões de cruzeiros antigos, ou seja 8 a 24 mil cruzeiros novos. Para alguns proprietários que possuíam outra atividade, êstes milhões representaram uma renda a mais; êles puderam utilizá-la para qualquer investimento ou despesa (como por exemplo, uma viagem ao Sul ou ao exterior). Mas para outros, os fazendeiros que exploram, são êstes milhões que lhes permitem ter o nível de vida mais elevado, mantendo esta maneira de viver (internato para os filhos: 600 mil cruzeiros a 1,2 milhões de cruzeiros antigos, ou 600 a 1.200 cruzeiros novos por ano e por filho; estudo superior: mais de um milhão de cruzeiros antigos, ou 1.000 cruzeiros novos por ano; construção ou melhoramento de uma casa mais ampla na cidade, guarnecida de móveis "modernos"; nova derrubada em algumas dezenas de ha; etc).

Ora, em 1966, as rendas da agave caíram quase pela metade: aproximaram-se do nível mínimo de rentabilidade. Todos os fazendeiros reagiram visto estarem habituados a lucros elevados (em 1965, mesmo após uma queda, êste lucro foi de 40% do preço da venda). Esta situação certamente contraria os proprietários urbanos, porém compreende-se que ela é muito mais brutal, mais ameaçadora, para os verdadeiros fazendeiros: alguns se encontram mesmo numa situação difícil. Êstes últimos também deveriam, não somente se habituar a lucros normais, não especulativos, mas igualmente a introduzir um sistema de cultura mais diversificado, mais equilibrado, portanto menos sensível às flutuações do mercado internacional (os dois únicos que fazem criação leiteira para abastecer o mercado local orientam-se num bom sentido). Através dêle será assegurada a estabilidade econômica dêste elemento dinâmico da região, que faz parte integral da mesma, — ao lado de outros trunfos provenientes de sua residência urbana.

Quanto aos proprietários urbanos, sua atuação foi intensa na época das grandes derrubadas, graças às suas disponibilidades financeiras ou ao seu crédito nos Bancos, e também por serem distribuidores de salários numerosos. Porém isso ocorre só quando o preço do sisal justifica o corte da agave: desde 1966 não mais se derruba, não mais se planta e não mais se cortam os arbustos. Não representarão êstes proprietários uma ameaça para a região já que tão cedo não desfibrarão? Êles seriam levados a se desinteressar pela região se os preços continuam baixos, uma vez que só a agave lhes parece permitir um tipo

de aproveitamento aceitável, isto é, ser o único produto que fornece lucros especulativos. Dizendo melhor, a aproximação do nível mínimo de rentabilidade parece ser principalmente de ordem psicológica: os lucros brutos de 20% não interessam, porque outrora chegaram a obter até mais de 50%; devido a isto pode-se considerar êstes elementos como dinamizadores para o futuro desta região?

### 3. *Há pouco o que dizer em relação à mão-de-obra assalariada*

Ela apresenta pontos de contato, com os moradores assalariados, durante todo o ano.

Quanto aos operários, com mais ou menos 1.200 cruzeiros antigos, ou 1,20 cruzeiros novos por dia, e uma pessoa, ou duas, ativas, por família, fazem em média mensal 40 a 50 mil cruzeiros antigos, ou 40 a 50 cruzeiros novos, o que é relativamente bom para a região. A isto se acrescenta o fato de que os jovens e crianças de menos de 14 anos, não produzindo, contribuem para baixar o padrão de vida da família. Estas rendas, apesar de muito baixas, ainda permitem a subsistência porque se trata de salários contínuos durante todo o ano, equivalentes aos pagos na cidade. Um fato nôvo que deve ser salientado e encorajado é o de que, apesar da baixa do preço do sisal, o nível dos salários tem sido mantido sem modificação. No conjunto, esta vida é, portanto, modesta e sem estabilidade: os meses passados fora provocam despesas elevadas; além disto, se a agave fôr menos cortada um dia, não haverá outro trabalho de substituição; enfim, que conseguirá êle quando estiver funcionando a desfibradora automática e quem fará o trabalho, incluindo o transporte de fôlhas, por 6% do custo atual?

Nota-se aqui que a agave é sempre repetida como o fato principal, como o *leitmotiv* em se tratando da situação de cada tipo de homem. O ano de 1966 é um teste: o sisal é o objeto de discussão e de preocupação principal de todos; todos ainda cortam porque é a fonte de renda principal, ou mesmo a única para alguns. Foi a agave que fêz da região o que ela é hoje: de uma região quase vazia e pobre surgiu uma região povoada, mas onde a sorte de uma população diversificada é dela dependente, mais ou menos intensamente de acôrdo com os grupos.

Recebida com entusiasmo, esta planta perfeitamente adaptada às condições ecológicas da região, foi uma planta pioneira: ela permitiu a colonização desta parte do Cariri, mas também, como outras plantas pioneiras, 20 anos depois, revela sua fragilidade. Com efeito, desde 1966 não foi mais plantada: teria sido bloqueada a frente pioneira? Ou sua influência sôbre a região que transformou profundamente nos últimos anos, não é durável? A agave continuará a funcionar no quadro de todos os proprietários, ou apenas de alguns como fator dinâmico? Os dias que virão poderão servir de resposta a esta questão.

## NOTAS DO AUTOR

1. Os trabalhos de campo foram feitos com alunos do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia de João Pessoa; os mapas foram confeccionados sob a direção do Prof. LUMERTZ. Agradecemos à Reitoria da Universidade Federal da Paraíba que nos forneceu os meios de transporte necessário à pesquisa. Desejamos consignar um agradecimento àqueles que nos estimularam e aconselharam durante a elaboração desse primeiro trabalho: o Prof. ROCHEFORT, de Paris, que deu o impulso inicial. Os professores ANA CARVALHO, de Fortaleza, MÁRIO LACERDA e MANUEL CORREIA, de Recife, LASSERE de Bordeaux, e o agrônomo MAURO GERMOLIO, de João Pessoa. Finalmente, agradecemos à gentileza tão conhecida do homem do interior: de fato, nem uma só porta nos foi fechada durante as pesquisas; sempre fomos recebidos de forma agradável e amiga.
2. Estas duas zonas são contíguas: não nos foi assim possível negligenciar nenhum aspecto, por menor que seja, mesmo que êle não apareça nas estatísticas. Seus limites foram estabelecidos arbitrariamente, visto que a superfície a estudar deveria estar dentro de nossas disponibilidades e dos elementos de trabalho, ao mesmo tempo tendo uma população representativa. Não pretendemos, portanto, que nosso trabalho tenha o rigor requerido pelas ciências sociais.
3. As superfícies das propriedades foram calculadas a partir de um mapeamento feito com fotografias aéreas de 1:70.000, ampliadas 3 vezes; a ampliação foi corrigida por contagem quilométrica aplicada nas estradas. A correção dos cadastros pode ser feita a partir de informações orais e de fotos aéreas. Os dados de estrutura fundiária obtidos no mapeamento foram então confrontados com os fornecidos à Prefeitura de Pocinhos (Impôsto fundiário).
4. O morador cultivava durante 2 anos em um campo de agave; depois disto a terra é deixada a esta cultura perene e o morador deve passar a um outro, recentemente plantado. Êste sistema pôde ser aplicado até há pouco, visto que, com a alta dos preços, os proprietários plantavam constantemente em novas terras.
5. Se como muitos afirmam, 35 fôlhas do segundo corte e dos seguintes dão 1 kg de sisal verde, ou seja, 0,45 kg de sisal sêco, uma fôlha fornecerá 13 g de sisal sêco. Calculando-se cêrcas de 20 fôlhas por pé e 4 100 pés por ha, chega-se a uma produção aproximada de 1 100 kg/ha.

6. Para a agave, como cada vez que se fala em dinheiro, os valores são os de 1965 — comêço de 1966. Custo financeiro de derrubada e de plantação: 100.000 cruzeiros antigos, ou 100 cruzeiros novos a repartir sôbre pelo menos 10 anos de produção, seja 10 mil cruzeiros antigos ou dez cruzeiros novos por ano. A limpa, 20 mil cruzeiros antigos, ou 20 cruzeiros novos durante 2 anos, depois 5 mil cruzeiros antigos, ou 5 cruzeiros novos por ano. O custo da desfibragem: 240 mil cruzeiros antigos, ou 240 cruzeiros novos no primeiro ano de corte, depois 120 mil cruzeiros antigos, ou 120 cruzeiros novos (100 cruzeiros por kg).
  
7. A derrubada e a plantação supõem 80 dias de trabalho por ha. A limpa, 20 dias durante 2 anos, 4 ou 5 em seguida. A colheita e desfibragem: 6 dias/ha, sendo a produção diária superior a 200 kg, seja 1 100 a 1 200 kg/ha; o primeiro corte supõe o dôbro do tempo. Assim, a exploração de um ha exige mais ou menos 100 diárias no primeiro corte e cêrca de 50 diárias em seguida (6 dias com 8 trabalhadores no motor).
  
8. Sabemos que o tempo necessário para o corte da agave após o 1.º ano é de 6 dias por ha. Assim, numa propriedade com 10 ha de agave serão necessários 8 homens para, durante 60 dias, efetuarem esta tarefa. Entretanto, nem todos aquêles que vivem na propriedade são suficientes para formar a equipe (os moradores participam algumas vêzes enquanto que os homens da família sítiante sempre o fazem); é necessário contratar operários de fora. Tome-mos um exemplo: supondo que haja 2 pessoas que trabalhem na colheita em um sítio (pessoas do sítio), será necessário contratar 6 pessoas do exterior. Enfim, reconduzindo esta cifra à unidade-ano de 300 dias de trabalho, teremos: total de 60 dias sendo igual a 1/5 do ano, contaremos então 6 pessoas divididas por 5, isto é um pouco mais de 1 homem-ano empregado na propriedade em questão.

#### SUMMARY

This paper is beginning with a serie of regional studies concerning the State of Paraíba, in the Northeast Region of Brazil

The A. point out some informations taken through ressearch *in loco*, referring the standard of living, kind of economic organization and development in the studied area.

Versão de JOAQUIM FRANCA

#### RÉSUMÉ

Cet article est le premier d'une série d'études régionaux sur l'Etat de Paraíba.

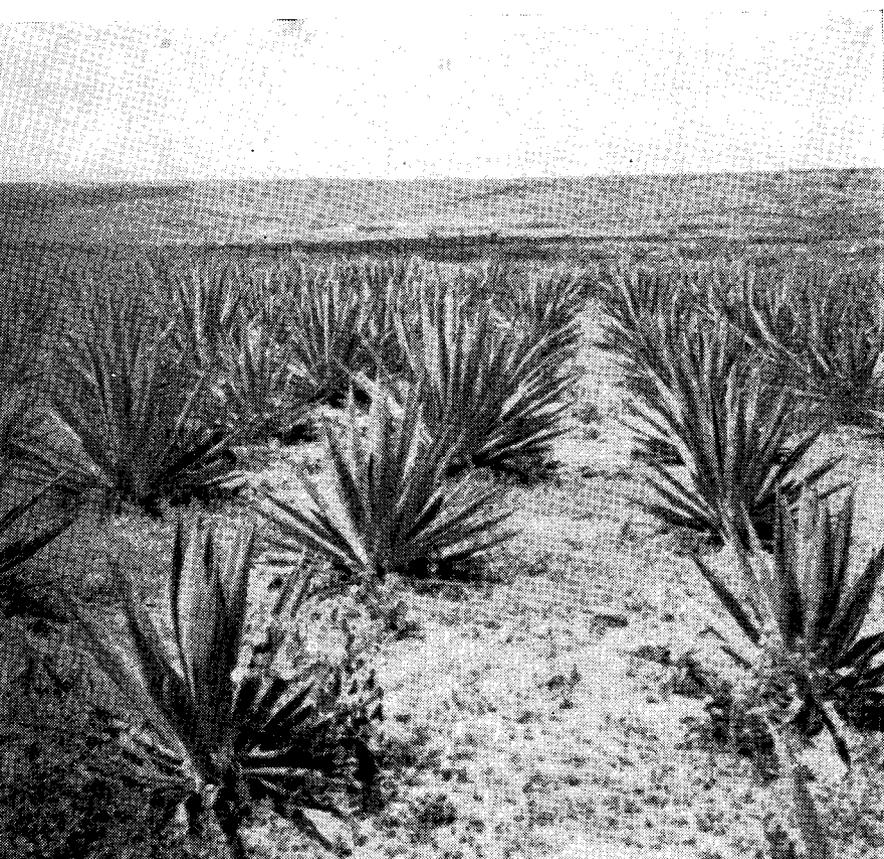
L'auteur fait ressortir les informations, qu'il a recueilli *in loco*, sur la manière de vivre et sur le type d'organisation, en pleine évolution, de la région qui a été l'objet de ses études.

Versão de OLGA BUARQUE DE LIMA

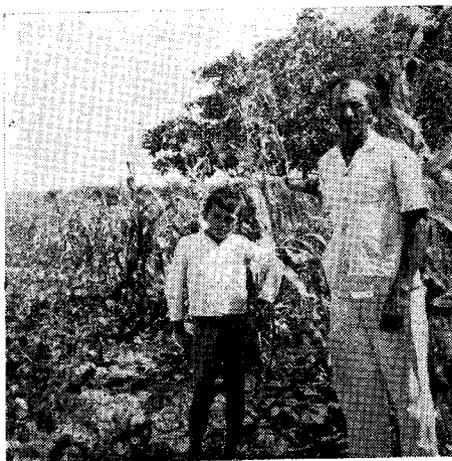
*Parcelas derrubadas e plantadas com agave quebram a monotonia dos vastos horizontes do Cariri.*



*Plantas de agave com 2 anos, antes do primeiro corte. A mata ainda ocorre no alto, ao fundo.*



*Agave de primeiro ano quase oculto por feijão marcassa e milho numa várzea durante o "inverno"; plantação de um fazendeiro que explora.*



*Um dos sitiantes em mi-lharal de várzea em associação com o feijão: bem desenvolvidos durante as chuvas.*



*Uma família de morador diante de sua casa de taipa. A senhora e a menina vestiram-se com suas melhores roupas para a póse. Esta criança é a única viva entre 4 nascimentos.*

*À direita, casal de "fazendeiro que explora"; o filho está no colégio. À esquerda, um casal de "morador". Representam dois tipos de trabalhadores e de situações.*



*A palma, nôvo sustentáculo da criação — Após alguns anos de plantio em terra de várzea, a palma apresenta êste magnífico aspecto. Aparece aqui em associação com o algodão mocó (arbustivo).*



*Uma roça no tabuleiro em terras de um sitiante: palma, mocó, milho (então em restolho) e feijão, já colhido na ocasião da foto, tirada no início da estação seca; o umbuzeiro, cujos frutos são apreciados, e cuja sombra serve de abrigo para os trabalhadores.*

*Boa casa de sitiante, em tijolo e telha. Bordejada de um lado por produtos de subsistência humana e animal (além do algodão) o é, por outro lado, por campos de agave (visíveis na foto).*



*Um dos sitiantes exibe, com orgulho, um touro recém-adquirido. Símbolo também de um poder de aquisição novo representa a arma de fogo, ou mais simplesmente, o revólver.*